

**A CONSTRUÇÃO RESULTATIVA INTRANSITIVA
COM O VERBO VIRAR:
PROCESSOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS
ENVOLVIDOS NO PROCESSO DE MUDANÇA SEMÂNTICA**

Patrícia Oliveira de Freitas (UERJ)

freitasp.letras@gmail.com

Roza Maria Palomanes Ribeiro (UFRRJ)

rozapalomanes@terra.com.br

RESUMO

Em estudo feito anteriormente com o verbo *ficar*, Palomanes (2007) percebeu a existência de um tipo de construção resultativa na língua portuguesa que se apresenta de forma semelhante às construções resultativas estudadas por Goldberg e Jackendoff (2004), com padrão formal SN *ficar* SR (Sintagma Nominal *ficar* Sintagma Resultativo) e semântica indicando X muda o estado a Y. O referido padrão construcional representa a construção resultativa do português, fato que refuta os estudos translinguísticos quanto ao que se dizia acerca de as línguas românicas não possuírem em seu rol de construções possíveis as resultativas. Dando continuidade aos estudos de Palomanes com três outros verbos, Freitas (2013) percebeu que um deles, o verbo “*virar*”, objeto de análise desta pesquisa, selecionava preferencialmente nomes para o preenchimento do sintagma resultativo. Para defender a hipótese de que a construção SN *virar* SN pertence à rede construcional das resultativas, foram levados em conta os processos cognitivos da metáfora e metonímia conceptuais enquanto fatores expressivos nos processos de mudança semântica. Acredita-se que a metáfora **ESTADOS SÃO LOCALIZAÇÕES** justifica a possibilidade de inserção desse verbo na construção resultativa. Trata-se metaforicamente de mudança de estado via mudança de lugar pela consideração da extensão metonímica de “mudar de lugar físico para mudar de estado”.

Palavras-chave: Construção resultativa. Gramática cognitiva das construções. Metáfora conceptual. Metonímia conceptual. Verbo *virar*.

1. Introdução

Em estudo feito anteriormente com construções em que figurava o verbo *ficar*, Palomanes (2007) percebeu a existência de um tipo de construção resultativa na língua portuguesa nos moldes das construções resultativas estudadas por Goldberg e Jackendoff (2004), com padrão formal SN *ficar* SR (Sintagma Nominal *ficar* Sintagma Resultativo) e semântica indicando X muda o estado a Y. O referido padrão construcional representa a construção resultativa do português, fato que refuta os estudos translinguísticos quanto ao que se dizia acerca de línguas românicas não possuírem em seu rol de construções possíveis as resultativas.

O estudo em questão suscitou, posteriormente, o interesse em ampliar o escopo da análise a fim de se verificar a produtividade do padrão construcional resultativo com outros verbos da língua portuguesa, confirmando a existência de tal padrão na língua em questão (FREITAS, 2013). Assim, foi possível verificar se outros verbos, além do verbo ficar, poderiam se encaixar também nesse paradigma. Os verbos selecionados para estudo foram *sair*, *acabar* e *virar* inseridos na construção resultativa intransitiva SN V SR, cuja semântica denota X *torna-se* Y, sendo o sintagma resultativo composto por um sintagma adjetival.

Em vista do que foi analisado nesses estudos que antecederam esta análise, percebemos que, sem o recurso da classe dos adjetivos no resultado final, as construções com o verbo *virar* exprimem a semântica de mudança de estado. Nesses casos, a preferência do preenchimento no SR se dá a partir de um sintagma nominal, mais precisamente por um substantivo.

A oração “O príncipe virou um sapo” exemplifica uma construção X *virar* Y, cujo SR se apresenta a partir de um sintagma nominal (SN). Muitos gramáticos assinalam a existência de vocábulos que, pertencentes a uma determinada classe, podem funcionar como termos de outras classes. É o caso dos nomes, que possuem a característica de adjetivar, obedecendo a uma semântica de transitoriedade entre substantivos e adjetivos. Consoante o autor Rocha Lima, “O substantivo aparece às vezes empregado como adjetivo, e disto exemplifica a seguinte expressão, dentre outras: “É muito verdade o que estou lhe dizendo” (2005, p.291). O autor Evanildo Bechara aborda o assunto da substantivação, situando o processo quando “certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros adjetivos” (2004, p.145).

Portanto, é possível perceber que a classificação das palavras não pode ser rígida, absoluta. As fronteiras que as delimitam são relativas. A mesma palavra pode ser de uma ou outra espécie conforme o contexto. Esse fato evidencia o papel sintático dos substantivos, que se prestam para além de nomear seres. Em outras palavras, podem desempenhar papéis primariamente exercidos pelos adjetivos, como qualificação e especificação de seres.

Por conta disso, o sintagma resultativo, que com os demais verbos analisados durante as pesquisas anteriores era composto apenas por uma unidade da classe dos adjetivos, nesta pesquisa, exclusivamente com o verbo *virar*, o resultado expresso se dará a partir de um nome.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Para comprovar que a construção SN *virar* SN pertence à rede construcional das resultativas, serão levados em conta os processos cognitivos metafóricos e metonímicos enquanto fatores expressivos nos processos de mudança semântica e em termos de interação de diferentes domínios experienciais. Acreditamos que é a partir das experiências de mundo do falante que o verbo *virar* esvazia-se de seu significado primário e passa a conceber um novo valor na construção.

O referido verbo apresenta uma semântica de mudança de posição no espaço. Como hipótese principal para esta análise, acreditamos que a metáfora ESTADOS SÃO LOCALIZAÇÕES é o que guia tal extensão, possibilitando, assim, a sua inserção no rol de construções resultativas do português.

Portanto, interessa a esta pesquisa a) propor uma análise diferenciada da construção resultativa do português, incluindo uma nova possibilidade, além das estudadas anteriormente por Palomanes (2007) e Freitas (2013), a fim de ampliar o escopo da análise. Acreditamos que esta análise poderá corroborar, positivamente, a existência deste padrão construcional resultativo a partir do emprego de um verbo cuja acepção primária indica mudança de posicionamento espacial e que, inserido no padrão construcional resultativo passa, via metáfora, a indicar mudança de estado e b) comprovar a possibilidade de o elemento oblíquo na construção resultativa ser representado, também, por um sintagma nominal.

2. Referencial teórico

2.1. Gramática das construções

A gramática das construções é uma das teorias da linguística cognitiva em que esta pesquisa irá se apoiar. Surge na década de 80, a partir de trabalhos de Langacker, Fillmore, Croft e outros. A gramática das construções ganhou outros métodos de enfoque a partir dos estudos que os referidos estudiosos iniciaram.

Considerada como uma “família” de teorias sintáticas concernentes à cognição, a abordagem não se trata de uma teoria unificada, dadas as pequenas diferenças entre as produções. Vale a pena salientar que a gramática das construções, na verdade, é composta por um grupo de teorias sintáticas que consideram a construção a unidade básica de processamento e organização sintática. Como aparato para esta análise, optou-se pela gramática cognitiva das construções de Goldberg (2006), já que a

autora trabalha com os aspectos gramaticais dentro de um modelo baseado no uso (*usage-based model*) e com as relações externas da construção, e não apenas aspectos meramente formais.

Quanto às características fundamentais partilhadas pela gramática das construções, o interesse dos estudos baseia-se essencialmente na própria construção gramatical, que deve ser observada como uma correlação entre “forma” (incluindo informações lexicais, sintáticas e morfofonológicas) e “significado” (incluindo informações semânticas e pragmáticas).

De acordo com Palomanes, a hipótese principal da gramática das construções baseia-se no fato de que as línguas naturais consistem em pares de esquemas conceptuais e padrões gramaticais que se inter-relacionam (2007, p. 29). Em outras palavras, há um padrão gramatical em que, atrelado a esse padrão, há uma semântica que facilita o entendimento enunciativo por parte do falante.

Para entender o parágrafo anterior, é necessário saber que os esquemas conceptuais são aquilo que o homem incorpora a partir de sua interação com o meio. Os autores Beaugrand and Dressler definem os esquemas como “modelos cognitivos globais ou estados organizados em sequência, ligados por relações de proximidade temporal e casual (...)” (*apud* FÁVERO, p. 66). Em outras palavras, essa inter-relação consiste em um pareamento entre forma e significado, que nada mais é do que uma relação intrínseca entre a sintaxe e a semântica.

Considerando-se que o postulado da gramática das construções confronta a abordagem tradicional, que determina o verbo como o único a selecionar os argumentos, esta abordagem prevê que não apenas o verbo fará essa ação, mas juntamente com ele, a construção. Nas palavras dos representantes da gramática cognitiva das construções:

Uma inovação importante no ponto de vista construcional é que nas construções de sintagma verbal (...), o complemento estrutural desse sintagma não é determinado pelo verbo sozinho, como supõem na maioria das gramáticas gerativas convencionais, bem como em muitas tradições funcionalistas. Na nossa visão, o argumento estrutural é determinado pelos efeitos composicionais do verbo e da construção. Uma das questões cruciais na visão construcional é trabalhar como essa composição é construída. (GOLDBERG; JAC-KENDOFF, 2004, p. 3) [Tradução nossa]

Para corroborar essa ideia, há restrições na utilização dos verbos, já que nem todos se encaixam nesse tipo construcional resultativo. Tanto o verbo quanto a construção possuem semântica própria e devem, ambos, combinar mutuamente.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Quanto ao modelo baseado no uso, deve-se levar em consideração que o seu objetivo é representar o conhecimento gramatical do falante em estreita relação com as teorias de processamento, aquisição e mudança linguística. Os registros de uso real, na verdade, retratam as expressões da própria língua como padrões individuais. Por esse fator é que há a importância da junção entre forma e significado, uma vez que eles somente são assimilados a partir do que indivíduo internaliza quando inserido em uma comunidade linguística cultural e social.

Com isso, fatores como idiosincrasia e generalizações da língua amplamente utilizadas por falantes reais, cuja gramática tradicional não consegue dar conta de explicar, com a abordagem construcional, que é o modelo baseado no uso, podem ser analisados em sua totalidade.

2.2. Construções resultativas

As construções resultativas são construções que podem ser reconhecidas por apresentarem um sintagma resultativo, situado tanto imediatamente após o verbo, no caso das construções resultativas intransitivas, quanto após o objeto, nas transitivas. Com isso, atribui-se à construção o valor semântico de expressão de resultado a que se chega a partir de uma ação do sujeito sobre o objeto, fazendo-o mudar de estado.

A discussão acerca da existência das construções resultativas em língua portuguesa tornou-se um assunto amplamente discutido em decorrência dos postulados anteriores que diziam não serem possíveis, em línguas românicas, os padrões resultativos até então estudados em línguas como o inglês e o alemão. Alguns autores, em sua defesa contra a existência das construções resultativas no português do Brasil, afirmam que para se caracterizar uma construção do tipo resultativa, elas deveriam ser representadas por orações curtas, não apenas por conta da similaridade com as estruturas mais prototípicas, mas também porque toda a informação que a construção carrega decorre de algo que é resultante da ação expressa pelo verbo.

Nesse sentido, para esses estudiosos, mesmo que haja semelhanças em termos formais com uma resultativa da língua inglesa, há um estorvo em termos de produtividade que impede a aceitação desse tipo construcional como equivalentes às tradicionais construções resultativas.

Entretanto, tomando como base Goldberg e Jackendoff, os autores, para contrapor a literatura vigente à época de que só havia um tipo de

resultativa, defendem o seguinte pensamento, amplamente aceito por esta análise:

(...) Em nosso trabalho (GOLDBERG 1991, 1995, JACKENDOFF 1990), temos tratado as resultativas como sendo uma espécie de “família” de construções (podemos chamá-las de “subconstruções” da resultativa), partilhando propriedades importantes, mas diferentes em certos detalhes, incluindo seu grau de produtividade. (2004, p. 5. Tradução nossa)

Em se tratando de transitividade, os autores dividiram as resultativas em transitivas e intransitivas:

Padrão Transitivo do Inglês	Padrão Transitivo do Português
<u>Sergio painted the vase pink</u> SN V SN SR	<u>Leonardo cortou a carne miúda</u> SN V SN SR
Padrão Intransitivo do Inglês	Padrão Intransitivo do Português
<u>The lake froze solid</u> SN V SR	Rita e Joyce brigaram. Joyce saiu ferida. <u>Joyce saiu ferida</u> SN V SR

Tabela 1 – Transitividade do padrão construcional Resultativo

Com base nos exemplos, percebe-se que o padrão transitivo na língua inglesa contém o objeto direto antecipando o sintagma resultativo (SR), o que significa que esse sintagma resultativo se refere ao objeto, enquanto que o padrão intransitivo, objeto de estudo deste artigo, possui o sintagma resultativo seguido imediatamente depois do verbo. Logo, se a semântica da resultativa intransitiva é “Sujeito torna-se sintagma resultativo como resultado da ação verbal”, em língua portuguesa a semântica do mesmo padrão será “X torna-se Y como resultado de uma ação anterior”, sendo imprescindível a análise de um contexto mais amplo a fim de se encontrar o que ocasionou aquele resultado.

Trava-se, então, a principal diferença entre as resultativas do inglês e do português. Enquanto no inglês o sintagma resultativo é encontrado em uma única sentença, apresentando simultaneamente a causa e a consequência do resultado, em português o sintagma resultativo não é a consequência do verbo, mas o resultado vindo de um acontecimento anterior que deve ser observado em um contexto mais amplo:

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

RECORTE	PADRÃO RESULTATIVO
<p>“tá... é uma... uma história engraçada... foi/ eu estava fazendo um trabalho <i>free-lancer</i> assim... pra um cara... aí eu liguei pra casa dele pra/ que ele tinha que me pagar por esse trabalho... então estou eu lá... liguei... aí eu “oi... Carlos... aqui é Mônica... tudo bem?” aí ele virou pra mim e falou assim “não... tudo mal...” aí o que é que eu pensei? eu falei “caramba... ele não gostou do trabalho... <u>saiu uma droga e tal</u>” (Informante 5 – Seção Rio de Janeiro)</p>	<p style="text-align: center;">O trabalho saiu uma droga. SN VS R</p> <p>CAUSA: O atendimento grosseiro ao telefone.</p> <p>RESULTADO: o atendimento grosseiro ao telefone fez com que a informante achasse que seu trabalho ficou/tornou-se uma droga.</p>

Tabela 2 –

Exemplo de uma Construção Resultativa com o verbo *sair* extraído do corpus D&G

Ressalta-se que, apesar de haver a semelhança sintática desse tipo construcional em ambas as línguas, é importante destacar a idiosincrasia envolvida nos discursos, que é o que leva o falante a ver as diferenças entre uma resultativa e outra.

2.3. A metáfora e a metonímia

A metáfora e a metonímia são processos cognitivos de considerável importância para a linguística cognitiva. Consoante Furtado, a extensa atenção dada ao assunto é o que permite a diferenciação entre a linguística cognitiva e outras abordagens cognitivistas. (2011, p. 91)

Esses processos são comumente ensinados como fatores relevantes para a mudança de significado. A metáfora, por exemplo, na maioria das vezes é vista como uma comparação implícita, já a metonímia consiste na transposição da significação a partir de um efeito de contiguidade, ou semelhança. Ademais, a literatura tradicional afirma que esses processos, assumindo uma posição cristalizada de figuras de linguagem, servem para atribuir maior expressividade ao texto, colocando-os em uma posição essencialmente poética.

Em uma análise mais complexa, especialmente quando se trata de um estudo pormenorizado de falantes reais de uma língua, percebe-se que nem sempre a intenção primária do enunciador é a de poetizar a sua fala. Na verdade, a metáfora e a metonímia são fatores que estão diretamente associados à forma como o falante experiencia, molda e transpõe o mundo por meio das palavras. Em síntese, e utilizando-se das palavras dos autores Lakoff e Johnson,

Metáfora e metonímia são diferentes tipos de processos. A metáfora é, principalmente, uma maneira de conceber uma coisa em termos de outra, e sua função principal é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, ela permite a utilização de uma entidade para simbolizar uma outra. (2003, p. 30) [tradução nossa]

Considerando os processos metafóricos, os estudiosos Lakoff e Johnson foram os precursores de uma nova forma de se pensar sobre o processo em questão. Foram eles quem, com a publicação da obra intitulada *Metaphors we live by* (1980), demonstraram que a metáfora está diariamente presente na vida do indivíduo, não apenas na linguagem, mas também na forma como ele pensa e age. O que acontece, na verdade, é que o sistema conceptual do falante advém de uma natureza fundamentalmente metafórica. (2003, p. 8)

Para entender o parágrafo anterior e seguir com questões mais aprofundadas sobre o assunto, é necessário pôr em relevo as ideias cognitivistas em termos de projeção e domínios, sempre utilizados nas análises metafóricas e metonímicas.

Como já foi dito anteriormente, a experiência pela qual o indivíduo percorre é um dos elementos-chave para a construção do significado. A partir dessas experiências, o falante armazena hierárquica e categoricamente na memória os conhecimentos adquiridos neste percurso. Esses domínios cognitivos podem ser reproduzidos, dentre outros recursos, através dos modelos cognitivos idealizados (MCIs), utilizados para organizar a grande quantidade de informações depositadas na memória. No intuito de exemplificar a funções dos modelos cognitivos idealizados, Chiavegatto cita os enquadres culturais, observados na **Fig. 1**.

MCI SAÚDE . vitalidade . disposição . boa aparência . bom funcionamento . FALTA DE SAÚDE . doença . indisposição . palidez . médicos . hospital . dor (etc)	MCI ECONOMIA . finanças . dinheiro . riqueza . fartura . licros . trabalho . PROBLEMAS . desemprego . falência . crise . pobreza . depressão	MCI ENERGIA . combustível . força . necessidades . produção . produtos . meios . alternativas . petróleo . carvão . ventos . águas . abastecimento
---	--	--

Fig. 1 – Representação Gráfica dos MCI (CHIAVEGATTO, 2009, p.88)

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Pelo exposto, e considerando-se as expressões utilizadas no cotidiano, percebe-se que os diferentes domínios de conhecimento podem mesclar-se entre eles em função da criação de novos significados, conservando sempre algum sentido do seu significado original. É o caso de quando o falante se utiliza de expressões como *economia pávida, falência de órgãos, fatura de energia ou indisposição do mercado* (idem). Outro exemplo que pode servir de base para essa explicação diz respeito a um padrão geral sintetizado como AMOR É GUERRA, exemplificado por Geeraerts:

Ele é conhecido por suas muitas *conquistas* rápidas. Ela *lutou* por ele, mas sua amante *venceu*. Ela *o perseguiu incansavelmente*. Ele está vagarosamente *ganhando terreno* com ela. Ele *ganhou* sua mão em casamento. Ele a *dominou*. Ela é *cercada* pelos homens de terno. Ele tem que *defender-se* deles. Ele *recrutou o apoio* dos amigos dela. Ele *aliou-se* a mãe dela. Deles é uma *desaliança*, se é que eu já vi uma. (2006, p. 11) [tradução nossa]

O falante se utiliza de expressões dessa natureza por conta do seu envolvimento com o meio. Percebe-se que há a interação entre diferentes domínios de experiência, em que há um domínio-alvo (AMOR) e um domínio-fonte (GUERRA), cuja junção de ambos resulta em uma nova significação. O trecho fala de amor em termos de guerra. Com isso, o indivíduo tende a projetar – ou no sentido literal da palavra, lançar, atirar, arremessar – o significado de um domínio concreto (GUERRA), o que é peculiarmente metafórico, para outro domínio mais abstrato (AMOR).

A metonímia, por outro lado, não projeta mapeamentos de diferentes domínios do conhecimento. Na verdade, eles se deslocam e são projetados para o mesmo domínio de onde se originaram, expressando um efeito de contiguidade. Quando o falante diz, por exemplo, que gosta de ouvir Djavan, não se trata de ouvir a pessoa propriamente dita que é o cantor. Trata-se, metonimicamente, de uma totalidade das músicas representadas por ele e sintetizada pelo dono da fala a partir de seu conhecimento de que Djavan se refere a um intérprete musical.

Assim como as metáforas, as metonímias não podem e não devem ser tratadas em circunstâncias isoladas, uma vez que elas emergem da experiência, atingem os pensamentos e as ações do falante, resultando na construção de novos significados. Cabe ressaltar ainda que ambos os processos estão em constante interação, uma vez em quase todo processo metafórico é possível observar a sua estreita relação com um processo metonímico. Porém, diferentemente de como se apresenta o modelo cognitivo idealizado metafórico, que trata de transferências entre domínios

distintos, o mapeamento metonímico ocorre dentro do mesmo domínio conceptual quando um indivíduo busca representar toda uma categoria.

Dentre estas metáforas básicas, pode-se destacar a metáfora ESTADOS SÃO LOCALIZAÇÕES: Estados e situações são conceptualizados como regiões delimitadas no espaço (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 176, 179-181). Como mencionado anteriormente, é possível conceptualizar o mundo através de metáforas básicas, como propõe Lakoff (1980) e Lakoff e Johnson (1999) adquiridas através de uma interação (emocional, física, mental e/ou cultural) com o ambiente externo. Dessa forma, Lakoff afirma que “nosso sistema conceitual comum em termos dos quais nós pensamos e agimos é fundamentalmente metafórico por natureza” (1980, p. 3) e, como usamos a língua (principalmente) para comunicarmos-nos, é ela que fornecerá evidências para confirmarmos ou não sua tese, pois, segundo ele, “o não físico é conceituado em termos do físico e o menos claramente delineado em termos do mais claramente delineado”. (*Idem*, p. 12)

A partir do deslocamento físico, do qual o falante participa em uma experiência corpórea, ele enxerga e estrutura o mundo da forma como ele o vê, criando novos sentidos a vocábulos cuja significação pré-estabelecida se esvai a fim de dar seu lugar a novos conceitos através da metáfora e da metonímia.

3. Metodologia da pesquisa

Ao estudar as construções resultativas com os verbos sair, acabar e *virar* (FREITAS, 2013), complementando os estudos de Palomanes (2007, 2011), notou-se que a construção com o verbo *virar* no formato SN *virar* SR apresentava comportamento distinto dos demais. Esvaziado de seu sentido de direcionamento, o sintagma resultativo, na maioria das ocorrências, apresentava comportamento de sintagma nominal (SN). Além disso, graças aos processos cognitivos da metáfora e metonímia, o sentido de tornar-se, trazido pelo verbo *virar*, colaborou para a semântica construcional de resultado, sendo possível considerar tal construção como resultativa.

O *corpus* escolhido para a pesquisa foi o *Discurso & Gramática* (D&G, 1995), que apresenta a produção oral e escrita de informantes de cinco locais do Brasil, sendo eles o Rio de Janeiro, Rio Grande, Juiz de Fora, Niterói e Natal. O material também é composto de tipos de discurs-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

so diferentes, a saber, narrativas experienciais e recontadas, relatos de opinião e de procedimentos e descrições de local. Todas as seções do *corpus* foram utilizadas para a coleta dos dados.

Selecionamos sentenças que tivessem as características das construções resultativas intransitivas do português, cujo padrão gramatical fosse SN *virar* SN. Os dados foram analisados de forma a excluir qualquer construção que apresentasse o sentido prototípico de movimento a partir do verbo *virar*, devendo obedecer à semântica de uma construção “X torna-se Y”, em que houvesse uma mudança de estado a partir da ação do verbo.

Optamos por um tratamento predominantemente qualitativo dos dados por acreditar que essa opção atende ao principal objetivo da pesquisa, que é observar o verbo *virar* em construções de padrão resultativo intransitivo dentro de um contexto discursivo mais ampliado. Os fatores metafóricos e metonímicos, nos termos de Lakoff (2003), foram levados em conta a fim de se justificar a mudança de significado do referido verbo para que ele se encaixe nas chamadas construções resultativas do português do Brasil. Já a gramática cognitiva das construções nos auxiliou na observação do pareamento entre a forma e o significado das construções e na mútua relação existente entre o verbo e a construção.

No total, foram encontrados 16 dados em todo o *corpus*, que contou com a participação de 172 informantes. A tabela 3 apresenta o total de informantes considerados na pesquisa, já divididos pelas seções, com o quantitativo de dados coletados. Embora se trate de uma pesquisa qualitativa, apresentamos a tabela 3 a guisa de informação:

Localização	Informantes	Percentual de informantes	Dados encontrados	Percentual de dados encontrados
Rio de Janeiro	93	54,07 %	5	31,25 %
Niterói	20	11,63 %	2	12,5 %
Juiz de Fora	20	11,63 %	3	18,75 %
Natal	20	11,63 %	5	31,25 %
Rio Grande	19	11,04 %	1	6,25 %

Tabela 3:
Dados coletados com o verbo *virar* em construções resultativas de padrão intransitivo

A partir dos dados coletados, fica evidente a preferência dos falantes em relação à utilização do SN (substantivo) como sendo o sintagma resultativo, em detrimento do sintagma adjetival analisado em análises anteriores em que se encaixava o verbo *virar*. Nas pesquisas anteriores com o verbo *virar*, nas mesmas especificações desta análise, só en-

contramos no *corpus* D&G um dado em que o sintagma resultativo se tratava da classe dos adjetivos.

4. Análise da construção SN virar SN

A realização do resultado expresso a partir de um verbo, cuja semântica da ação verbal assume outra significação, pode ser explicada através dos recursos que o ser humano se utiliza para compreender a linguagem. A experiência corporificada, por exemplo, se origina a partir da inter-relação entre corpo, linguagem e mundo. Esse princípio é pautado naquilo que Lakoff e Johnson (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1999; JOHNSON & LAKOFF, 2002) designaram por “experencialismo”. Para os autores, o pensamento é corporificado (*embodied*), uma vez que é a partir dos sentidos corporais que o falante compreende o mundo. Não por coincidência, quatro dos cinco sentidos que captam e moldam a forma de se ver o mundo localizam-se na parte frontal da cabeça (MARTELOTTA & PALOMANES, 2007, p. 181), onde também se localiza a mente.

A metáfora, portanto, decorre daquilo que o falante vivencia no mundo. Os sistemas categorizadores e conceituais decorrem das relações experienciais dos seres, que são elas corporais e sociais. Essa experiência corporificada permite que o falante crie extensões metafóricas a partir do trajeto explorado por ele. Uma vez que ele se movimenta pelo espaço, logo, a mudança de posição é inevitável, e mudar de posição impulsiona a mudança de estado. O falante lança mão da semântica de “tornar-se”, internalizada a partir da sua convivência com o meio, construindo um padrão cujo verbo denota a resultatividade.

Como dito anteriormente, a gramática cognitiva das construções prevê as gramáticas das línguas compostas pelo vínculo entre os modelos conceituais e os padrões gramaticais que se relacionam mutuamente. Em outras palavras, há uma união intrínseca entre a semântica e a sintaxe, como será demonstrado nos resultados.

Cabe ressaltar ainda que algumas construções possuem o padrão resultativo mais prototípico do que outras [SN V SR], o que não prejudicará na identificação dos dados, uma vez que o verbo cuja semântica denota mudança de estado e, como consequência, o sintagma resultativo são os fatores cruciais para determinar o padrão construcional em questão.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

- (A) “e é bom/ eu acho que... o caminho é as pessoas... se rebelarem um pouco... pararem só de reclamar... e tomarem mais atitudes... aqui... politicamente... tipo... a/ as pessoas... têm dificuldade de aceitar até a UNE... que é a coisa mais certa... que tem que acontecer... é uma instituição que tem um poder enorme... já virou uma instituição... quer dizer... já deix/ era uma intuição fortíssima... deixou de ser por causa... da ditadura...”

[D&G, seção Rio de Janeiro, informante 6, Relato de Opinião]

A UNE	(JÁ) VIROU	UMA INSTITUIÇÃO
SN	V	SN

Dentre as singularidades do fenômeno, pôde-se se constatar que ainda que na construção em destaque não haja um sintagma nominal explícito na posição de sujeito, ele pode ser recuperado pelo contexto. Além disso, o próprio sintagma resultativo apenas é identificado a partir de um evento que tenha acontecido anteriormente, o que corrobora a ideia de o português do Brasil se tratar de uma língua perifrástica. Nas construções resultativas da língua inglesa, por exemplo, todas essas informações são vistas em apenas uma sentença.

- (B) “ela contou uma história... de uma sereia... que ela tinha ido pro mar... aí... eh... veio um... um navio... aí era... era um moço... aí ele afundou no mar... aí ela pegou ele e levou pra terra... aí depois ela... ela... ela foi pro mar... porque ela não queria... não queria que ele visse ela... aí ela foi pro mar... ficou numa pedra... aí depois... o pai descobriu... aí derrubou tudo... da coleção dela... aí... depois... ele... eles... eles... se encontraram... aí... o pai dele... eh... destruiu todo o barco dele... eto::eto... e todos os amigos dele... aí... **ela virou/elaficou feliz para sempre...**”

[D&G, seção Rio de Janeiro, informante 89, Narrativa Recontada]

ELA	VIROU/FICOU	FELIZ (PARA SEMPRE)
SN	V	SN

Observa-se em (B) que o falante primariamente se utiliza do verbo *virar*, antes do verbo “ficar”, em que o verbo em análise neste artigo pode ser inserido na construção resultativa após sofrer processamento cognitivo em que ambos os verbos se distanciam de suas respectivas semânticas de direcionamento e permanência e adquirem a significação de “tornar-se”. Porém, acredita-se que por questões de escolha, possivelmente para evitar eufonia, o informante selecionou o verbo “ficar” na hora de proferir a sentença. O que se deve pôr em relevo aqui é o fato de que, por conta da vivência do homem com o meio que o cerca, ele consegue criar construções que não podem ser rígidas em termos de significação. Apesar de o sintagma resultativo se tratar de um adjetivo, optamos pela seleção desse dado, uma vez que propomos o padrão construcional

intransitivo SN V SN. Permanece a hipótese de que a preferência do pre-enchimento do sintagma resultativo é por um substantivo.

Cabe ressaltar ainda a diferença semântica entre os verbos *virar* e *ficar*. Ainda que estejam na construção sinalizando mudança de estado, o verbo *ficar* sinaliza uma mudança mais duradoura que o *virar*, uma vez que originalmente seu sentido expressa algo permanente, estático (do latim, *figicare*, significando pregar com pregos). Se a escolha do informante se pautasse no verbo *virar*, haveria uma discrepância com o uso da expressão “para sempre”. A principal hipótese para este caso é a de que o falante, ao pensar primariamente no verbo *virar*, possivelmente ativou *frames* de que o referido verbo também pode sinalizar mudança de estado. Acreditamos, portanto, que a aceitação pelo dado é coerente.

Outro dado que merece destaque se mostra no exposto em (C), em que não se trata de um informante entrevistado do *corpus*, e sim o próprio entrevistador. Por não se tratar de uma pesquisa sociolinguística, em que variáveis extralinguísticas são colocadas à mostra, e sim de uma pesquisa que busca um padrão que ocorre na língua por meio de falantes reais, decidimos pela aceitação do dado a fim de que se corrobore a existência dessa semântica de resultado em ações verbais. Destaca-se que o entrevistador recorre a esse tipo de construção a partir de informações dadas pelo próprio entrevistado, que também se utiliza do verbo *virar* em um contexto de mudança de estado.

- (C) Informante: “(...) os brasileiros que jogam fora, na Europa ... não deveriam ser convocados po/ pois tem ... o Brasil tem grandes jogadores aqui dentro ... né ... ganham menos ... têm mais interesse de mostrar seu futebol num é? pra ... pra ... pra assim se promover e ... e ir pra fora também né? e ... é:: esses jogadores tão ... mais dizendo assim ... esses jogadores que tão fora ... tavam fora ... na Europa ... tavam de férias atualmente num ... não estão bem fisicamente ... e o que num acontece com os jogadores daqui que estavam em plena atividade num é? se fo/ se fosse escalado os jogadores daqui ... convocado esses jogadores daqui ... que jogam aqui... eu acho que estaria melhor também...”

[Dado que antecede a fala do entrevistador.
D&G, Seção Natal, Informante 1, Relato de Opinião]

- (D) Entrevistador: o ... com... é::você acha que... o futebol brasileiro hoje virou em-presa? como é isso?

[D&G, Seção Natal, Entrevistador do Informante 1, Relato de Opinião]

O FUTEBOL BRASILEIRO	VIROU	EMPRESA
SN	V	SN

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

- (E) Informante: “não ... eu acho que ... o ... o futebol quando virar empresa ... vai melhorar né? mas enquanto ... enquanto está essa situação ... num tem condições porque ... todos os jogadores ... cada um procurando ... cada um queria ganhar mais ... então ... é ... cada um procurando ga/ querendo ganhar mais do que o outro né ...”

[D&G, seção Natal, Informante 1, Relato de Opinião]

O FUTEBOL BRASILEIRO	(QUANDO)VIRAR	EMPRESA
SN	V	SN

Com isso, percebe-se que, por meio de processos cognitivos, como a metáfora e a metonímia, é possível ir além da representação imediata da realidade. O mapeamento não é aleatório, mas motivado por analogia e relações icônicas (HOPPER & TRAUGOTT, 1993). Em geral, a metáfora opera como uma transferência de um conceito básico, concreto, para outro mais abstrato. No caso de *virar*, cuja semântica primária representa mudança de posicionamento no espaço, processada cognitivamente, ganha sentido de “se transformar”, “se modificar”.

A metonímia, por sua vez, é uma transferência semântica por meio de relação de contiguidade e indexação; aponta para relações no contexto e opera nos constituintes morfossintaticamente independentes. O termo metonímia tem sido utilizado para designar a mudança que sofre uma determinada forma em função do contexto linguístico e pragmático em que está sendo utilizada. (Cf. MARTELOTTA et al. 1996)

Partindo do uso linguístico em interação com a experiência sensorial e cultural, os processos cognitivos como metáfora e metonímia tornam mais abstratos o conceito mais concreto de *virar*, sendo dependentes do contexto resultativo. O dado (F), assim como os demais, permite ilustrar essa concepção, pois em uma única sentença de resultado, não há possibilidade de se descobrir a causa e o efeito da construção. O falante se utiliza de um senso cultural e experienciado por ele nesse contexto. Em síntese, é preciso saber que “Jardim do Sol” é um bairro – ativando os frames necessários para o entendimento do enunciado proferido – que, apesar das dificuldades distanciais, se fosse colocado em nível de uma cidade, não se tornaria o bairro que é.

- (F) “então a pessoa... que não... não... não... não tem carteira como eu e não tem... quinhentos carros na casa e coisa e tal... depende de ônibus... depende de... carona... depende de um monte de coisa... então:/: não que isso aí seja um baita incômodo... agora.. seria muito mais fácil se fosse... um... um bairro mais perto... então o ideal que a gente sempre fala... a gente queria botar o Jardim do Sol dentro da cidade... só que daí **não ia virar Jardim do Sol**... que daí ele ia... ser barulhento... ele ia... ter tudo aquilo que a cidade tem de ruim...”

O BAIRRO	(NÃO IA) VIRAR	JARDIM DO SOL
SN	V	SN

É importante esclarecer que, tal como são a forma e o significado intrínsecos para a gramática cognitiva das construções, os processos metafóricos e metonímicos não se excluem, são, antes, “processos complementares de nível pragmático que resultam de mecanismos duais de reanálise, ligados ao processo cognitivo de metonímia, e analogia, ligados ao processo cognitivo da metáfora”. (HOPPER & TRAUGOTT, 1993, p. 87)

No caso do verbo *virar*, cuja semântica aponta para uma mudança espacial, a metáfora ESTADOS SÃO LOCALIZAÇÕES fundamenta a inserção do referido verbo na construção de padrão resultativo; e a mudança de estado ocorre a partir da mudança de lugar e mediante a extensão metonímica de “mudar de lugar físico para mudar de estado”, guiada pela metáfora supracitada.

5. Considerações finais

Em vista do que foi produzido, e considerando os resultados atingidos, constatamos que esta pesquisa alcançou os objetivos propostos. A partir de um contexto linguístico baseado no uso, foi possível analisar as construções resultativas de padrão intransitivo SN V SR, cuja ação verbal denotava uma semântica de mudança de estado. Observamos que o sintagma resultativo era preenchido preferencialmente por um nome, sendo ele um substantivo. Para sustentar a hipótese de que efetivamente se tratava de uma construção resultativa, buscamos o fundamento em teorias abarcadas pela linguística cognitiva, que são elas a gramática cognitiva das construções e a teoria da metáfora e metonímia conceptuais.

A gramática cognitiva das construções foi essencial para esta análise, uma vez que a teoria desenvolvida por Adele Goldberg em parceria com Jackendoff (2004) define o ponto comum “familiar” das resultativas como sendo o sintagma resultativo, expresso nos dados coletados. Os autores defendem ainda que tais construções se diferem no grau de produtividade. Portanto, ainda que não tenha sido muito selecionado, o verbo *virar* pode funcionar como verbo resultativo se inserido no padrão construcional que apresente um sintagma resultativo representado por um nome.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

No que tange aos processos metonímicos e metafóricos, a metáfora conceptual ESTADOS SÃO LOCALIZAÇÕES expressa via a metonímia “mudar de lugar físico/mudar de estado”, em que se faz uso de uma entidade para referir-se a outra com a qual se relacione, fundamentou a inserção do padrão construcional SN V SN aqui estudado nas chamadas construções resultativas. A metonímia é favorecida pela possibilidade que o homem tem de olhar as coisas de outra perspectiva. É o deslocamento físico e as experiências advindas dessa transferência de espaço que o falante constrói uma nova significação através da Metáfora e da Metonímia.

Sendo assim, pode-se concluir que o verbo *virar* se encaixa no padrão resultativo intransitivo após esvaziado de seu sentido de direcionamento, via operações cognitivas como metáfora e metonímia, na forma como foi exposto no decorrer deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CHIAVEGATTO, V. C. Introdução à linguística cognitiva. *Matraga* (Rio de Janeiro), vol. 16, p. 77-96, 2009.
- FAVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2009.
- FERRARI, Lilian Vieira. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FREITAS, Patrícia. Construções resultativas do português do Brasil. *Revista Ciência Jovem*. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Catu, 2013.
- GEERAERTS, D. *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.
- GOLDBERG, Adele; JACKENDOFF, R. The English Resultative as a Family of Constructions, unpublished ms. *Language*, vol. 80, n. 3, p. 532-568, 2004. University of Illinois at Urbana-Champaign, 2004. Disponível em: <http://ase.tufts.edu/cogstud/jackendoff/papers/EnglishResultative.pdf>.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.

JOHNSON, Mark. *The Body in the Mind*. The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____; LAKOFF, George. Why cognitive linguistics requires embodied realism. *Cognitive Linguistics*, vol. 13, n. 3, p. 215-144, 2002. Disponível em:

<[http://www.degruyter.com/dg/viewarticle/j\\$002fcogl.2002.13.issue-3\\$002fcogl.2002.016\\$002fcogl.2002.016.xml](http://www.degruyter.com/dg/viewarticle/j$002fcogl.2002.13.issue-3$002fcogl.2002.016$002fcogl.2002.016.xml)>.

LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things*: What Categories Reveal about the Mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh*: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought. New York: Basic Books, 1999.

_____; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. London: The university of Chicago press, 1980.

_____; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago y Londres: The University of Chicago Press, 2003.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar*, vol. I. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1987

_____. *Foundations of Cognitive Grammar*, vol. II. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZÁRIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil*: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PALOMANES RIBEIRO, Roza M. *Construções gramaticais: uma análise das resultativas do português com o verbo ficar*. 2007. Tese (Doutorado em linguística) –Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. *Construções resultativas do português: uma análise sob a perspectiva da gramática das construções*. In: VII Congresso Internacional da ABRALIN, 2011, Curitiba.

VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. (Coord.). *Discurso & gramática: a língua falada e escrita da cidade do Rio de Janeiro*. Impreso, 1995. Disponível em: <<http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br>>.

ANEXOS

Disponibilizamos os dados extraídos do *corpus* D&G com verbo *virar* em construções de padrão resultativo intransitivo dentro de um contexto discursivo mais ampliado.

- (1) “e é bom/ eu acho que... o caminho é as pessoas... se rebelarem um pouco... pararem só de reclamar... e tomarem mais atitudes... aqui... politicamente... tipo... a/ as pessoas... têm dificuldade de aceitar até a UNE... que é a coisa mais certa... que tem que acontecer... é uma instituição que tem um poder enorme... **já virou uma instituição**... quer dizer... já deix/ era uma instituição fortíssima... deixou de ser por causa... da ditadura... [D&G, seção Rio de Janeiro, informante 6, Relato de Opinião]

A UNE JÁ VIROU UMA INSTITUIÇÃO.

SN SV R

- (2) “como é que a minha sala? ((riso)) (ué)... tem dois... dois ambientes... né? uma tem a... mesa de jantar:... outra tem a televisão... o sofá... a mesa... isso?mais? eh:... tem dois sofás grandes de três lugares... duas poltronas... uma mesinha de canto... uma mesa de centro... um aparelho de som já no outro lado... com a... com a mesa de jantar... uma varandinha... onde tem as minhas plantas que eu gosto... o que mais? tem um... **um carrinho de chá que virou bar**... duas caixas de som... só...” [D&G, Seção Rio de Janeiro, Informante 8, Descrição de Local]

UM CARRINHO DE CHÁ QUE VIROU BAR

SN SV SR

- (3) “ah:: eu sei fazer uma torta gelada... é uma delícia... aprendi com a minha sogra... ela que me ensinou essa torta... () e quando eu faço geralmente eu Faço nos finais de semana... está todo mundo em casa... e tudo... né? aí eu faço geralmente nos finais de semana que todo mundo em casa... e eles gostam... a minha família gosta... aí eu faço... como eu faço... eu pego:: leite condensado... bato no liquidificador com duas gemas... depois levo ao fogo... um bocadinho de:: Cremogema... aí mexo... vou mexendo **até virar um mingau**... depois que forma aquele mingau... deixo esfriar um pouquinho... e na massa pra forrar a forma... [D&G, Seção Rio de Janeiro, informante 19, Relato de Procedimento]

ISSO VIRA UM MINGAU

SN SV SR

- (4) “ela contou uma história... de uma sereia... que ela tinha ido pro mar... aí... eh... veio um... um navio... aí era... era um moço... aí ele afundou no mar... aí ela pegou ele e levou pra terra... aí depois ela... ela... ela foi pro mar... porque ela não queria... não queria que ele visse ela... aí ela foi pro mar... ficou numa pedra... aí depois... o pai descobriu... aí derrubou tudo... da coleção dela... aí... depois... ele... eles... eles... se encontraram... aí... o pai dele... eh... destruiu todo o barco dele... eto::eto... e todos os amigos dele... aí... **ela virou/elaficou feliz para sempre...** [D&G, seção Rio de Janeiro, informante 89, Narrativa Recontada]

ELA VIROU/FICOU FELIZ PARA SEMPRE.

SN SV SR

- (5) “ Eu sei fazer um barquinho de papel é cantinho com cantinho ai vem um quadradinho ai vira um barquinho se Eu tirar pedasinho vira uma brusinha” [D&G, Seção Rio de Janeiro, Informante 90, Relato de Procedimento – parte escrita]

O QUADRADINHO VIRA UM BARQUINHO/ VIRA UMA BRUSINHA

SN SV SR SR

- (6) “entrou uma outra... história do... do/ dos amigos meus... que vieram me chamar pra fazer Fantasia... né? ((risos)) me chamar pra fazer Fantasia... aí... eles falaram que tinham feito o texto no recreio... fizeram rápido... estava precisando de gente... eu ia ficar lá de dançarino... ficar lá atrás... só de:: figurante mesmo... só pra balançar o cabelo... essas coisas... e isso veio... chamar/ chamaram pra... pra ensaiar... fomos ensaiar... sobre teatro... né? ensaiamos... eh:: e embaixo... e o cara... e o cara que ia apresentar... ia ser a apresentadora... falou que não queria fazer porque já tinha uma outra peça pra fazer... então não ia fazer porque era muita coisa... aí o pessoal me chamou pra fazer... virei a apresentadora ((risos)) nem acredito...” [D&G, Seção Niterói, Informante 6, Experiência Pessoal]

EU VIREI A APRESENTADORA

SN SV SR

- (7) “Ah, e principalmente uma varanda enorme que contorna toda a casa, onde diga-se de passagem é o lugar que eu mais gosto, visto ser grande e bem ventilada. Lá é muito gostoso, principalmente quando junta várias famílias e tudo vira uma festa” [D&G, Seção Niterói, Informante 7, Descrição de Local – parte escrita]

TUDO VIRA UMA FESTA

SN SV SR

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

- (8) “Em outra panela faz-se o molho branco, esquentando a panela, coloca manteiga, cebola picadinha e sal e deixa corar um pouco e depois acrescenta maizena ou farinha de trigo **até virar uma papa** e depois acrescenta leite e deixa cozinhar sempre mexendo. noutra panela, faz-se o molho de tomate colocando óleo, têmpero e jogando tomates picadinhos dentro, até formar uma grossa polpa de tomate.” [D&G, Seção Juiz de Fora, Informante 4, Relato de Procedimento – parte escrita]

A MISTURA VIRA UMA PAPA.

SN SV SR

- (9) “a varanda é::/ ela é branca... tem... eh:: tem piso... tem um bocado de flor pendurado na pare::de... tem... tem dois cano que meu pai/ foi o meu pai fez... aí colocou::/ (pegou) dois desses canos de... de água... né? só que ele encheu com... com cimento... com concreto e virou/ ficou feito pilastra... segurando o arame... tem... tem porta... tem jardinei::ra... do lado... tem horta que meu pai faz... meu pai faz/ ele gosta muito de horta... ele faz/ fez uma horta assim... do lado... do lado lá de onde eu fico... eu fico lá sozinho... a noite inteira... gosto muito de ficar sozinho...” [D&G, Seção Juiz de Fora, Informante 5, Narrativa Experiencial]

O CONCRETO VIROU PILASTRA.

SN SV SR

- (10) “e às vezes a gente escolhe... a coisa errada... não é aquilo que você tem... vocação... que eu acho que todo mundo tem uma vocação pra... pra certa.../ pra uma coisa específica... se você não tiver a vocação... se você não/ se não foi isso que você... que você escolheu... que você gosta de fazer... aí você nunca vai ser um bom profissional... você vai... ser... mais um... formado... que/ mas... eh::/ que não::/ que formou e não produz nada... você está::/ virou mais um encargo social... que tem... mais um... problema social...” [D&G, Seção Juiz de Fora, informante 8, Relato de Opinião]

ISSO VIROU MAIS UM ENCARGO SOCIAL

SN SV SR

- (11) E:o ... com... é::você achaque... o futebol brasileiro hoje virou empresa? como é isso? [D&G, Seção Natal, Entrevistador do Informante 1, Relato de Opinião]

O FUTEBOL BRASILEIRO VIROU EMPRESA

SN SV SR

- (12) I: não ... eu acho que ... o ... o futebol quando virar empresa ... vai melhorar né? mas enquanto ... enquanto está essa situação ... num tem condições

porque ... todos os jogadores ... cada um procurando ... cada um queria ganhar mais ... então ... é ... cada um procurando ga/ querendo ganhar mais do que o outro né ... [D&G, seção Natal, Informante 1, Relato de Opinião]

O FUTEBOL QUANDO VIRAR EMPRESA

SN SV SR

- (13) “pois eu não ... pronto ... numas partes eu concordo com você ... você dá porque você quer ... pronto ... tem dia que eu chego e ... “mãe eu ... tal lugar” ... mas tem dias que eu num gosto de dizer ... sabe? porque eu já tô abusada ... já sabe de onde é que eu venho ... aí fica perguntando aí ... aquilo vira rotina sabe?” [D&G, Seção Natal, Informante 3, Experiência Pessoal]

AQUILO VIRA ROTINA.

SN SV SR

- (14) “crime no Brasil é o que você mais vê ... é pai matando mãe ... assim ... casal ... casais ... né? o esposo ... a esposa ... qualquer coisa ... mete a faca ... mata ... mete o machado no pescoço ... e rola tudo ... como é que pode? é o fim do mundo ... é o fim da era ... menina ... num tem como escapar não ... é o fim da era mesmo ... minha filha ... porque ... é homem virando mulher ... é mulher virando homem ... é uma história ... sabe?” [D&G, Seção Natal, Informante 3, Relato de Opinião]

HOMEM VIRANDO MULHER / MULHER VIRANDO HOMEM

SN SV SR SN SV SR

- (15) “aí depois ... depois de cinco anos ... aí o diabo e Deus se encontraram de novo ... aí Deus ... “ó tá vendo?” e o diabo ... “ó pron/ eu já botei ... eu desisto ... eu já botei todos os castigos que ... que poderia botar nele ... eu já botei até uma doença” ... uma coisa assim ... tava doente também ... tava mendigando ... de ver ele que era rico virou mendigo ...” [D&G, Seção Natal, Informante 4, Narrativa Recontada]

ELE VIROU MENDIGO

SN SV SR

- (16) “então a pessoa... que não... não... não... não tem carteira como eu e não tem... quinhentos carros na casa e coisa e tal... depende de ônibus... depende de... carona... depende de um monte de coisa... então:/: não que isso aí seja um baita incômodo... agora.. seria muito mais fácil se fosse... um... um bairro mais perto... então o ideal que a gente sempre fala... a gente queria botar o Jardim do Sol dentro da cidade... só que daí **não ia virar Jardim do Sol**... que daí ele ia... ser barulhento... ele ia... ter tudo aquilo que a cidade tem de ruim...” [Seção Rio Grande, Informante 4, Descrição]

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

de Local]

O BAIRRO NÃO IA VIRAR JARDIM DO SOL.

SN

SV

SR